

# CLIPPING

27 de julho de 2018  
O Liberal – Atualidades, 7

## Polêmica ronda as obras de “atacadão”

### NA CIDADE VELHA

Novo supermercado às margens do rio Guamá é criticado por urbanistas

VITO GEMAQUE  
Da Redação

A construção da nova loja de um supermercado atacadista na entrada do Portal da Amazônia, a poucos metros das margens do rio Guamá, é motivo de questionamentos sobre os possíveis impactos ambientais. As estruturas metálicas com aproximadamente 12 metros de altura já estão quase terminadas num terreno localizado na esquina da avenida Bernardo Sayão, no bairro da Cidade Velha, em Belém. Enquanto a Prefeitura de Belém informa que a empresa possui todas as licenças municipais, os especialistas entrevistados por O LIBERAL questionam o processo e moradores da área apoiam o projeto. O empreendimento será a sexta unidade no Estado do Pará da rede Atacadão S/A, braço do grupo francês de hipermercados Carrefour. Uma empresa de recrutamento de recursos humanos de Belém já foi contratada pelo grupo para começar a seleção de trabalhadores no próximo mês.

Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (UFPA), Paulo Ribeiro critica a viabilidade do empreendimen-

to na orla da capital paraense. Ao pedalar de bicicleta pelo Portal da Amazônia, Paulo viu a construção crescer em pouco tempo. Independentemente da legalidade ou não do supermercado, ele aponta ser necessário verificar os possíveis impactos no bairro como o aumento do tráfego de veículos e comprometimento da rede de esgotos. “A geração de tráfego de um empreendimento deste é muito forte, não só de carros pequenos, mas de veículos de carga. Já temos no bairro uma série de acessos bastantes congestionados. Os caminhões não conseguirão chegar ali se não passarem por vias estreitas e congestionadas. Precisaria haver uma análise, estudos e verificar a legislação”, avalia.

Os terrenos na orla da capital considerados nobres são disputados por grandes empreendimentos imobiliários. Membros da Associação dos Amigos do Patrimônio de Belém (AAPB) fotografaram as obras do supermercado. A entidade questionará se o licenciamento da construção está dentro da lei e se respeita o modelo urbanístico de Belém. A solicitação será feita à prefeitura. “É um absurdo!”, declara a presidente da AAPB, Nádia Brasil. “Tem uma série de limitações. Há alguns anos tentaram fazer um condomínio no mesmo local, mas foi embargado. Passou cinco anos com aquilo parado, porque estava acima do gabarito da área. Ali não é só questão de gabarito, tinha que ter um Estudo de Impacto de Vizinhança (EIV)

porque é uma zona especial de interesse a preservação”, complementa.

Para Nádia e Paulo, a política de ocupação urbana de Belém privilegia a exclusão ao conceder a utilização de determinadas áreas nobres. “Infelizmente, na hora de licenciar as coisas são muito imediatistas, não se pensa a cidade como um todo. Mesmo que legalmente não haja brechas consideramos que não é um empreendimento para aquele espaço. Deveria ser uma área que pudesse ser resgatada para cumprir uma função social de interesse público”, destaca Nádia.

Em sua defesa, a rede Carrefour informou, por meio de nota, que o terreno em questão conta com toda a documentação necessária, em linha com a legislação vigente, que garante a obra e operação no local. O Carrefour reforçou ainda que “cumpre integralmente as normas vigentes, a fim de atender sua estratégia de expansão que vê grande potencial no Estado do Pará, onde conta com cinco operações, duas delas na cidade de Belém”.

### BENEFÍCIOS

Com posição diferente dos especialistas, os moradores do entorno do supermercado defendem o negócio e os futuros benefícios econômicos, sociais e ambientais. “Ninguém está reclamando de nada. Todo mundo está feliz”, diz o militar aposentado Sebastião Souza, 50 anos. Até mesmo Sebastião, dono de uma mercearia, que



teria todos os motivos para ficar receoso com a concorrência, vê oportunidades para todos. Há oito anos, Sebastião complementa a renda da família com a venda de produtos de primeira necessidade para moradores das vilas das redondezas. “Vai ser bom para os comércios, porque haverá aumento do movimento de consumidores e o policiamento deve melhorar. Aqui tem espaço para todo mundo. Se você precisa de apenas um quilo de farinha ou de um refrigerante não irá lá, mas vai comprar logo aqui”, imagina.

Antes da construção ser terminada, Sebastião já aponta o primeiro benefício: a geração de empregos. A obra contratou muitos moradores do bairro. Segundo ele, caiu a quantidade de homens que ficavam pela Bernardo Sayão fazendo apenas “bicos”. “Hoje, eu vejo gente que andava por aqui sem nada, agora passa com uniforme de pedreiros ou vigias”, detalha. Segundo ele, os trabalhadores disseram que a construção deve ser concluída em outubro deste ano.

O protético João Augusto Soares, de 51 anos, mora há 25 anos em uma esquina próxima ao terreno e defende a obra. “Vai ser muito bom para trazer mais movimento de pessoas e maior segurança para esta área”, argumenta. De acordo com ele, o empreendimento deve garantir o fim de um lixão existente próximo ao terreno. “Eles vão ter que limpar e as pessoas não vão mais jogar lixo aí. Hoje fede muito”, opina.

## Área deveria ter “função social de interesse público”, defende associação

FOTOS: CLAUDIO PINHEIRO/O LIBERAL



Loja de rede atacadista no entorno do Portal da Amazônia pode causar impactos urbanísticos



Obras do empreendimento avançam e João Soares (ao lado) acredita em melhorias para o bairro